



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UAG
CURSO DE GEOGRAFIA

EDVANILSON ALVES DA COSTA

ANÁLISE DO CRESCIMENTO URBANO DE ESPERANÇA – PB

CAMPINA GRANDE - PB

2017

EDVANILSON ALVES DA COSTA

ANÁLISE DO CRESCIMENTO URBANO DE ESPERANÇA – PB

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em cumprimento as exigências para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

ORIENTADOR: Prof. Dr. LUIZ EUGÊNIO PEREIRA CARVALHO

CAMPINA GRANDE - PB

2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

C837a Costa, Edvanilson Alves da.
Análise do crescimento urbano de Esperança - PB / Edvanilson
Alves da Costa. – Campina Grande, 2017.
28 f. : il. color.

Artigo (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de
Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação: Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho".
Referências.

1. Geografia Urbana - Paraíba. 2. Crescimento Urbano. 3.
Esperança - PB. I. Carvalho, Luiz Eugênio Pereira. II. Título.

CDU 911.375 (813.3)(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

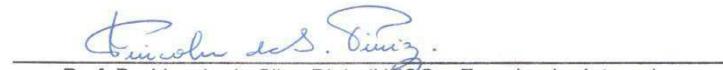
BANCA EXAMINADORA DE: EDVANILSON ALVES DA COSTA

TÍTULO: ANÁLISE DO CRESCIMENTO URBANO DE ESPERANÇA – PB

Campina Grande (PB), 21 de março de 2017.


Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho (UFCG - Orientador)


Prof. Ms. Ana Carolina Nogueira Santos (Examinador Externo)


Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz (UFCG – Examinador Interno)

Universidade Federal de Campina Grande
Rua Aprígio Veloso, 882, Cidade Universitária
Campina Grande-PB, 58.429-140. Bloco BC 2. UAG: 2101-1469

Campina Grande - PB

2017

COSTA, Edvanilson Alves da. **ANÁLISE DO CRESCIMENTO URBANO DE ESPERANÇA – PB**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2017.

RESUMO

O crescimento urbano é um dos principais estudos realizados na atualidade, em cidades de pequeno, médio ou grande porte. Neste artigo, nos propomos a analisar o crescimento urbano da cidade de Esperança-PB, observando os fatores que influenciam na dinâmica do crescimento e expansão da cidade. No desenvolvimento deste trabalho, a análise do crescimento urbano teve como base os escritos de autores importantes para a Geografia Urbana, tais como: Corrêa (1989), Clark (1991), Beaujeu-Garnier, (1997), Veiga (2004), Sposito (2004), Carlos (2007), Cavalcanti (2008), Souza (2011). A análise específica do crescimento de Esperança utilizou basicamente dois procedimentos diferentes: a) a elaboração de mapas da mancha urbana da cidade em diferentes períodos (1970, 2010 e 2015); e b) a análise de mudança de uso e de gabarito das edificações através de fotografias e imagens de satélite. Esses procedimentos nos permitiram fazer comparações e constatar um crescimento urbano de Esperança, tanto no sentido horizontal quanto no vertical. Através da problemática abordada, conclui-se que a cidade cresceu acompanhando as vias de acesso no sentido Sudoeste/Nordeste, a partir das transformações ocorridas nas últimas décadas devido às construções de casas, condomínios e empresas, que contribuíram juntas para um alargamento das vias e crescimento da mancha urbana edificada. Já a parte central da cidade passa por várias modificações, geralmente com tendências para o uso do vertical como modificador da paisagem urbana, além da mudança de uso das estruturas residenciais para o uso do comércio.

Palavras Chave: Geografia Urbana; Crescimento urbano; Esperança-PB.

ABSTRACT

Urban growth is one of the main studies carried out today, in small, medium or large cities. In this article, we propose to analyze the urban growth of the city of Esperança-PB, observing the factors that influence the dynamics of growth and expansion of the city. In the development of this work, urban growth analysis was based on the writings of important authors for Urban Geography, such as, Corrêa (1989), Clark (1991), Beaujeu-Garnier, (1997), Veiga (2004), Sposito (2004), Carlos (2007), Cavalcanti (2008), Souza (2011). The specific analysis of the growth of Esperança used basically two different procedures: a) the mapping of the city's urban spot in different periods (1970, 2010 and 2015); and b) the analysis of changes of use and feedback of the buildings through photographs and satellite images. These procedures allowed us to make comparisons and verify urban growth of Esperança, both in the horizontal and vertical directions. Through the problematic approach, it is concluded that the city grew along the access roads in the Southwest / Northeast direction, due to the transformations that occurred in the last decades due to the construction of houses, condominiums and companies, which together contributed to an expansion of pathways and growth of the built urban spot. On the other hand, the central part of the city undergoes several modifications, generally with tendencies for the use of vertical as modifier of the urban landscape s, besides the change of use of the residential structures for use the trade.

Keywords: Urban Geography; Urban growth; Esperança-PB.

1.0 INTRODUÇÃO

O crescimento urbano é tema de estudos e discussões que considera desde as primeiras habitações até as formações de bairros e distritos que surgem com a expansão das cidades. Na sociedade em que vivemos é possível enxergar as causas e efeitos das construções advindas de outrora, que monta um cenário de crescimento urbano com suas formas, tamanhos e estruturas diferentes.

Com o início do processo da industrialização, o mundo o qual conhecemos passou a enfrentar um grande desafio, devido a ocorrência de um forte e acelerado deslocamento populacional do campo para a cidade, vindo em busca de oportunidades de empregos, causando um rápido crescimento urbano das cidades afetadas pelo processo de acolhimento das pessoas. Na atualidade este fluxo do êxodo populacional ainda acontece, geralmente, pelo mesmo motivo citado acima, às vezes, pela escassez dos recursos necessários para a sobrevivência, como também pela sensação e ocorrência de insegurança que vive o camponês.

A cidade de Esperança-PB, atualmente destaca-se por exercer uma centralidade essencial na microrregional do agreste paraibano, através de sua rápida expansão físico-geográfica. Essa expansão é fruto tanto dos fatores citados anteriormente como por uma linha de mercado que abrange lojistas, pequenas, médias e grandes empresas de distribuições de mercadorias que atua em diversos setores, com ênfase para o comércio, “materiais de construções”, possibilitando um melhor ganho financeiro e contribuindo assim para a construção de novas estruturas em áreas mais afastadas do centro.

Sabendo que são vários os fatores que levam uma cidade a crescer. Entre eles podendo ser citados: Economia, Valorização Imobiliária e Crescimento Populacional. Serão abordados esses elementos como indutores da necessidade cada vez maior de construir habitações horizontais e/ou verticais, mudanças de uso e novas edificações comerciais, todos elementos marcantes na paisagem da formação e “**crescimento urbano**” de uma cidade.

Diante deste contexto surgem as seguintes indagações norteadoras para este trabalho: o crescimento urbano de Esperança se dá de que forma? Em que direção? Quais os motivos que levaram a este crescimento?

Com a iniciativa e relevância de estudar uma cidade de pequeno porte, a problemática trabalhada e desenvolvida neste artigo é a análise do crescimento urbano da

cidade de Esperança-PB. A justificativa dá-se na desafiadora missão de disponibilizar conteúdos de produção confiável que venha contribuir com o conhecimento sobre o tema em questão, visto que, não há referências de trabalhos acadêmicos com enfoques voltados sobre esta temática para a cidade de Esperança-PB.

Com o objetivo principal de compreender e analisar o processo de crescimento urbano da cidade de Esperança-PB, podemos listar também os seguintes objetivos específicos: a) identificar os fatores que influenciam na dinâmica do crescimento e expansão urbana da cidade; b) analisar as causas socioeconômicas que resultam no crescimento urbano; c) registrar através da elaboração de mapas e imagens o processo de crescimento horizontal e vertical e a mudança de uso.

O presente artigo está estruturado da seguinte forma: a introdução, que aborda um resumo contextualizado de todo o corpo do trabalho; a fundamentação teórica, que traz os principais conceitos necessários para o entendimento da problemática, tais como cidade, espaço urbano e crescimento urbano; os procedimentos metodológicos, onde serão demonstrados como foi todo o processo de realização da pesquisa e desenvolvimento do artigo; no item Esperança crescendo para cima e para os lados temos a apresentação do município a partir de levantamentos bibliográficos, históricos, fotografias e mapas de maneira que seja possível observar o crescimento da mancha urbana da cidade e fazer comparações partindo da análise de escala temporal, trazendo tópicos e subtópicos que abordam os resultados obtidos, expondo algumas linhas de pensamentos, cuja finalidade é conferir este crescimento em vários momentos e constatar quais fatores levaram à dinâmica de crescimento e expansão urbana da cidade. Por fim, temos as considerações finais que elencam alguns resultados e discussões a respeito do assunto em questão.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Cidade e Espaço Urbano

Para entendermos melhor o processo de crescimento urbano é necessário compreender como surgiram as primeiras cidades. Para isso, é indispensável relembrar o passado, no intuito de descrever como surgiram os primeiros espaços urbanos. Estudos mais detalhados indicam que a primeira área a ser conhecida como cidade foi Jericó, situada no Oriente Médio, um dos berços da civilização humana, com características conhecidas que se enquadram nas descrições das cidades primárias. Segundo Souza,

É, com efeito, na Idade da Pedra Polida que se inicia a prática da agricultura, e graças a isso irão surgindo, aos poucos, assentamentos sedentários, e depois as primeiras cidades. Entretanto, as cidades continuam a transformar-se durante os milênios seguintes ao seu aparecimento, e continuam a transforma-se sem cessar. A revolução Industrial na Europa, a partir de fins do século XVIII, e, mais amplamente, os processos de industrialização pelo mundo afora, também tiveram um impacto enorme sobre o tamanho e a complexidade das cidades. (SOUZA, 2011, p. 46.)

Como ressalta Souza, a agricultura surge como um dos principais fatores para a ocorrência dos primeiros assentamentos humanos e com eles surgem às primeiras necessidades de transformar o espaço, ocupando-o com moradias e estruturas que serviam de proteção contra as adversidades. Desde então, estes primeiros assentamentos foram se ampliando ao longo do tempo, passando de geração a geração, promovendo um fenômeno de transformação rápida e contínuo do espaço habitado.

São várias as explanações teóricas acerca da temática. Sejam nas ciências sociais ou ambientais, todos destacam o espaço urbano como um espaço produzido pelo homem através da ocupação do solo. Ante a necessidade de entender o crescimento do espaço urbano podemos citar Clark (1991), que aborda duas vertentes para explicar a dinâmica dos espaços urbanos. O autor afirma que,

Dois tipos básicos de dados são, de fato, necessários para sumariar as características geográficas dos lugares urbanos. O primeiro relaciona-se com as atividades de uso do solo, tais como população, habitação e indústria; o outro com diferentes tipos de intercâmbio, ligações e interações que ocorrem dentro e entre os centros. (CLARK, 1991, p.19).

Na citação supracitada, estão expostas as duas possibilidades de estudos geográficos sobre a cidade, sendo elas sobre o espaço intra-urbano ou sobre a rede urbana, a partir das trocas entre as cidades. No presente estudo, nos ateremos a análise da primeira escala geográfica apontada por Clark (1991), a partir do debate sobre o crescimento intra-urbano de Esperança. Cabe ressaltar, no entanto, que essa análise não desconsidera as relações que a mesma tem com outras cidades próximas, através da centralidade que exerce. Seu crescimento se dá também por atrair fluxos de pessoas e atividades econômicas por causa da sua centralidade microrregional.

É plausível salientar que o uso do solo promove uma série de atividades que resulta em crescimento urbano, possibilitando assim uma gestão do território em vários

aspectos, entre eles os econômicos, políticos e sociais. Sendo três níveis considerados indispensáveis para a reprodução e manutenção da cidade, como explica Carlos (2007),

No mundo moderno, esta reprodução sinaliza a articulação indissociável de três planos: o econômico (a cidade produzida enquanto produção do capital que se realizam através da produção do espaço), o político (a cidade produzida enquanto espaço de denominação do espaço); e o social (a cidade produzida enquanto prático sócio espacial, como reprodutor da vida humana). (CARLOS, 2007. p. 20).

A produção do espaço é feita através da articulação e reprodução das relações sociais e da vida cotidiana determinada pelos lugares que a sociedade ocupa e definida pelos momentos vividos pelos ocupantes, consecutivamente. Sendo assim, a construção do espaço urbano é caracterizada pelo uso do solo, que vai desde o fator econômico até à questão política, tendo ainda a participação social no processo de produção. Logo, a cidade é panorama de disputas constantes e define seu crescimento através das classes sociais que nela convivem. Tendo em vista a estrutura financeira dos moradores, faz-se necessário o aparecimento de novas áreas urbanas, como também a necessidade de sua ampliação e conservação, de modo a caracterizar formas diversas e identidades únicas de acordo com sua localidade e das culturas adotadas pelos ocupantes daquele espaço.

Continuando o enfoque de cidade, segundo Souza (2011), elas adotam características e tamanhos diferentes, tendo cada país seus próprios critérios de classificações, que se darão de modos: políticos-administrativos, quantitativos ou qualitativos. No Brasil, esse padrão de definição é estabelecido através do critério político-administrativo. Porém, para que surja uma nova cidade é necessário haver justificativa que determine por que aquela área ou localidade aglomerada venha a ser denominada como cidade. Souza (2011) nos diz que,

No Brasil, onde núcleos urbanos são as cidades e as vilas, sendo que as primeiras são sedes de municípios e as segundas são sedes de distritos (subdivisões administrativas dos municípios). E, de fato, nenhum outro conteúdo se associa a essa “definição” brasileira oficial de cidade e de vila: é certo, sem dúvida que uma vila, que sedia um simples distrito, é menor que uma cidade, que sedia um município; mas, a elevação de uma vila à categoria de cidade, na esteira da emancipação do distrito e criação de outro município (pois, se um município pode comportar vários distritos e, portanto diversas vilas, não pode haver um município com várias cidades, é um processo essencialmente político. Uma cidade pode ter, assim milhões ou apenas uns poucos milhares de habitantes, e uma simples vila de um município populoso pode ser maior que a cidade que sedia um outro município em uma outra região. (SOUZA, 2011, p.29).

Para tornar possível o entendimento, salientamos que o município é tudo que está dentro da área determinada. No Brasil, atualmente, um município é elevado à essa categoria através de critérios quantitativos. A cidade, por sua vez, é criada através de critérios de decisão tomados exclusivamente pela Assembleia Legislativa, partindo de definições político-administrativas.

No entanto, podemos afirmar que, ao ser criado, o município terá necessariamente uma área denominada urbana/cidade e outra denominada rural, ou seja, as junções das áreas rurais e urbanas tornam um município que por sua vez é diferente de cidade. Sendo futuramente possível que a área urbana/cidade cresça de tal forma que ocupe todo o espaço rural, expandindo-se de forma a abranger todo o município, a exemplo das grandes cidades como João Pessoa, onde o município e a cidade podem ser considerados uma só extensão.

Existem também municípios onde a cidade é tão pequena que chega a possuir distritos maiores em número populacional e tamanho, vivendo a maior parte da sua população na zona rural, tornando-se a cidade apenas uma base para a realização de serviços.

Como afirma Veiga (2004), no Brasil, a maioria das cidades não têm porte para serem consideradas como uma só extensão. Porém, às vezes são apenas um aglomerado de casas com características rurais, quase sem distinção entre a área rural e a urbana, nas quais habita uma população que sofre com a escassez de recursos necessários à vida humana e com a violência no campo, o que promove uma jornada de mudança para cidades circunvizinhas em busca de melhorias como trabalho, saúde, educação e segurança.

Essa ideia de que o Brasil é menos urbano do que se calcula deriva da diferenciação feita entre o que é cidade e urbano. Segundo Souza (1999, *apud* CAVALCANTI, 2008, p. 66), “A cidade é o concreto, o conjunto de redes, enfim, a materialidade visível do urbano, enquanto este é o abstrato, porém o que dá sentido e natureza à cidade”. Assim, cidade é o concreto e o urbano é o que vai além dele, é o modo de vida de cada um, dentro da urbanidade. Porém, ocorre frequentemente a incidência de que esse modo de vida urbano não seja visto somente na cidade, havendo casos de pessoas que habitam a zona rural, mas que, possuem uma forma de vida cada vez mais urbana.

O que se tem percebido atualmente é que este avultado crescimento urbano acontece com frequência, por conta da tecnologia avançada, que permite uma rapidez ao acesso do modo de vida urbano, expandindo-se para as áreas mais remotas, mais afastadas do centro urbano, intercalando entre si, formando uma rede de necessidades e se

contrapondo um ao outro, de modo que venha a crescer e valorizar aquele espaço urbano, ou melhor, aquela cidade. Como cita Corrêa (1989),

Eis o que é o espaço urbano: fragmentado articulado reflexo e condicionante social, um conjunto de ações de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais. (CORRÊA, 1989, p 09).

Portanto, ao falarmos de cidade e espaço urbano estamos nos referindo a cidade como detentora de títulos e *status* econômicos, políticos e sociais, já o espaço urbano seria o receptor das novas construções e ambientes que mudam seu cenário, sua paisagem, impondo formas diferentes ao que um dia já foi natural. Beaujeu-Garnier (1997), diz que

O ambiente urbano é, portanto, “o espaço produzido” resultante do meio físico e da ação humana que participou do nascimento e desenvolvimento urbano e oferece agora, à cidade contemporânea, um quadro susceptível de ser modificado e de pesar, por sua vez na cidade uma longa sequencia de pontos e contrapontos nunca interrompidos. (BEAUJEU-GARNIER, 1997 p.33).

Como exposto anteriormente, hoje a maioria das pessoas não distingue o modo de vida entre a cidade e o campo, pois, se observarmos o elo entre os dois, fica evidente que há uma proximidade e um entrelaçamento. O motivo para tal é que, os moradores da cidade buscam nas zonas rurais e em áreas periféricas por locais de lazer, passeios e de consumo de alimentos, gerando uma economia para aquele setor, enquanto os moradores rurais buscam as cidades como fontes para suas necessidades básicas, como realização de compras e a constante busca por empregos, utilizando suas moradias apenas para dormir ou descansar após um longo dia de trabalho. Isso caracteriza uma forte ligação entre urbano e rural, não havendo mais uma oposição entre os dois, sendo a paisagem urbana a materialização daquilo que vivemos e consumimos. Neste sentido, salientamos que o rural tornou-se urbano porque seus habitantes vivem a maior parte do tempo na cidade, mudando drasticamente seus costumes.

2.2 Crescimento Urbano

Como dito anteriormente, as cidades surgem quando o sedentarismo se instala, causando assim um aglomerado de pessoas que necessitam de alimentos para a sobrevivência e começam a utilizar-se de práticas que facilitem a obtenção destes recursos através de seu cultivo e manipulação. Este processo de manufaturamento acaba por

resultar em várias transformações naquele espaço, pois, as tarefas vão sendo divididas e acabam gerando uma necessidade de funções sociais e divisões espaciais por habitante ou por grupos, causando assim uma expansão daquele local.

É possível associar o crescimento populacional como impulsionador do crescimento da cidade, a partir da construção de novas moradias e áreas que venham a expandir o aspecto físico do espaço urbano, sendo este o visível, a paisagem modificada através do concreto, com suas formas e estruturas, bem como as demais transformações que venham a contribuir com as mudanças do crescimento.

Para Sposito (2004, p.70), há de fato um crescimento urbano, devido às taxas relativas à diminuição da mortalidade; a migração rural-urbana e suas questões estruturais vividas no campo, além da concentração de investimentos capitalistas nos aglomerados urbanos que por naturalidade causa um aumento em toda a infra-estrutura da cidade.

O crescimento urbano dá-se, portanto, de duas formas: o crescimento vertical e o horizontal. As mudanças de uso do solo, de áreas residenciais para usos comerciais e de serviços especialmente em áreas centrais e a ausência de terrenos, acabam por promover o crescimento vertical, deixando o espaço urbano cada vez mais denso. Segundo Corrêa (1995, p.06),

“O crescimento vertical trata do aumento do gabarito das edificações, possibilitando abrigar mais pessoas e/ou mais atividades utilizando terras com dimensões menores. Por isso a principal característica da verticalização é a intensificação da ocupação do solo”. (apud JAPIASSÚ, 2014, p.05).

O crescimento horizontal, por sua vez, ocorre de modo tradicional, no qual o alargamento da área urbana é causado pela produção de edificações de pequenos, médios e grandes portes. Por serem mais acessíveis a valores financeiros e por estarem em zonas de especulações, há uma maior facilidade de aquisição das porções de terra. Segundo Santoro (2012, p.75), conforme citado por Japiassú (2014, p.05), “Trata-se de uma ampliação do tecido urbano, crescimento referenciado na literatura como crescimento horizontal”.

Esse crescimento horizontal pode estar associado ao crescimento populacional, mas, é também acompanhado de outros fenômenos vistos em áreas urbanas, como a criação de organismos públicos, abertura de vias, loteamento de antigas áreas rurais, ocupação por pessoas sem moradia, dentre outros. A professora Lana Cavalcante é precisa ao apontar que,

Há alguns mecanismos da expansão da área urbana, que têm correspondência com o crescimento populacional, mas que extrapolam

esse fator, obedecendo à lógica da produção do espaço urbano; a especulação, a reserva de valor, a valorização de áreas, a produção de periferias de centralidades, a criação de equipamentos sociais, de serviços, a abertura e ampliação de vias públicas, etc. (CAVALTANTI 2008. p.108).

Estes mecanismos são fundamentais para o crescimento da cidade. O crescimento populacional, seja ele nativo ou advindo da zona rural ou de outra cidade, sem dúvida contribui para a expansão do crescimento urbano, sendo este um fator importante para a construção de novas moradias. A especulação, a reserva de valor e a valorização de novas áreas, são decorrentes de pessoas que possuem um capital financeiro diferenciado e que podem guardar seus terrenos para vender quando estiverem em uma cotação alta, determinando os valores dos lugares com participação direta e indiretamente na produção do espaço. O mecanismo de periferia pode ser aplicado de varias maneiras, dentre elas podemos citar: a periferia do condomínio, do loteamento e da invasão. A periferia tem uma ligação direta e indireta na expansão e produção do espaço urbano e, ao ser implantada, condiciona a formação de uma nova centralidade como também de uma nova periferia.

Para Corrêa (1989) a ideia de crescimento urbano dá-se através de processos relativos ao novo, ao moderno, que surpreendem sempre com uma nova representação da cidade. O autor afirma que a cidade cresce em amplos sentidos, tanto através da área central a partir de sua verticalização por ser uma área já definida quanto também pelo processo de descentralização que gera outros núcleos secundários ao centro.

Outro mecanismo que também promove a expansão da cidade é a criação de equipamentos sociais como os órgãos públicos, de serviços, de ampliação de vias, dentre outros. Estes mecanismos articulam e promovem o crescimento da cidade, bem como seu direcionamento, de maneira que cada um corresponda à implantação de novas áreas mais afastadas do centro, as quais vão se elevando pela valorização e especulação financeira, até se tornarem novos centros urbanos compostos por apoios de comércios e serviços promovidos pela necessidade de ampliação das áreas, antes desfavorecidas de recursos e de produção do espaço.

Em Esperança, parte desta análise se aplica ao estudo realizado, sendo possível constatar o crescimento urbano, pois, são perceptíveis as transformações existentes em diversas áreas da cidade, com diversos modelos e tamanhos de arquiteturas. Tais construções promovem, de certo modo, o aumento das edificações e do crescimento urbano.

Embora seja uma cidade de pequeno porte, esta já demonstra padrões de ampliação da mancha territorial urbana, apresentando um tecido urbano bastante dinâmico e com uma redistribuição demográfica favorável à novas perspectivas de crescimento.

Estes padrões de crescimentos podem ser observados no acontecimento de uma conversão das áreas rurais, que ficam no limite da cidade, em áreas urbanas. Isso ocorre geralmente, quando há a implantação de condomínios, loteamentos, conjuntos habitacionais ou até mesmo quando ocorrem construções de habitações ao longo das vias de acesso que cortam a cidade, caracterizando um crescimento urbano horizontal extensivo, quando a cidade cresce para além de seus limites, aumentando a mancha territorial urbana.

Outras formas de crescimento ocorrem através da utilização dos espaços vazios existentes na área já urbanizada da cidade. Esse crescimento não provoca tantas mudanças no limite do perímetro urbano, mas, aumenta consideravelmente a densidade de ocupações na mancha urbana.

As construções de edifícios em áreas centrais também são consideradas como crescimento urbano. Geralmente as cidades não têm espaço para o crescimento horizontal nas áreas centrais, mas, devido a demanda por moradias, escritórios e pontos comerciais, surge o interesse de verticalizar antigas edificações, ou seja, gerando um novo uso do solo com construções acima de um térreo, o que é caracterizado como crescimento urbano intensivo, pois, o solo urbano passa a ser intensivamente ocupado para fins mútuos de atividades habitacionais e empreendedoras.

2.0 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento deste trabalho com base na análise do crescimento urbano de Esperança, utilizamos basicamente três procedimentos diferentes: a) inicialmente realizamos uma pesquisa bibliográfica, acompanhada de análises teóricas e técnicas laboratoriais; b) a elaboração de mapas da mancha urbana de Esperança em diferentes períodos (1970, 2010 e 2015); e c) a análise de mudança de uso e de gabarito das edificações através de fotografias e imagens de satélite. Esses procedimentos nos permitiram fazer comparações e constatar empiricamente um crescimento urbano de Esperança, tanto no sentido horizontal quanto no vertical.

Os mapas utilizados foram elaborados através dos programas: *Google Earth Pro*, disponível na versão gratuita, que apresenta imagens aéreas do globo terrestre que podem

ser utilizadas para a geração de mapas e o *Quantum GIS* (QGIS), programa de *Software* livre na versão gratuita 2.8, que permite ao usuário editar, elaborar, criar e compor mapas com diferentes projeções e formatos de arquivos.

Para a elaboração da figura 01 foram utilizados arquivos de tipo shapefile (SHP), baixados na plataforma do *site* Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e elaborados no programa QGIS, através das ferramentas: adicionar camadas vetoriais e compositor de impressão. Nas figuras 02, 11 e 29, foram utilizadas imagens do *Google Earth Pro*, datadas de 1970, 2010 e 2015, nas quais foi adicionado um polígono, e foram recortadas através da ferramenta de captura disponível no pacote *Office* 2010. As figuras 19, 21, 23 e 24 foram recortadas sem a adição de polígono. Na elaboração das figuras 03, 04, 05, 06, 07, 08 e 09 foram utilizadas imagens do *Google Earth Pro*, através das ferramentas: regulador de tempo, polígono e salvar como arquivo KML, em uma pasta determinada pelo usuário. Em seguida, foi utilizado o QGIS para adicionar uma nova camada vetorial do tipo KML salva anteriormente no *Google Earth Pro*.

O mapa representando os bairros da cidade foi elaborado a partir das informações obtidas no Plano Diretor da cidade, disponibilizado num mapa em formato de PDF, que foi adicionado ao programa QGIS, sendo feita a criação de um mapa com seus elementos básicos através do QGIS em formato SHP, representando a planta baixa da cidade, no qual os processos para a criação da shapefile foram os mesmos do anteriormente citado.

Os gráficos de tabelas foram elaborados a partir de informações e documentos encontrados e baixados em formato PDF na plataforma da biblioteca virtual IBGE, com dados da população disponíveis a partir de recenseamentos dos anos 1970, 1980, 1990, 2010, 2010 e 2016. As figuras 10, 12, 14, 16 e 27 foram obtidas do *site* “esperancadeouroblogspot.com” com a devida permissão do proprietário do domínio do *Blog*. As figuras 19, 22, 22, 24 26,28 e 30 e 31, são de autoria própria.

4. ESPERANÇA: CRESCENDO PARA CIMA E PARA OS LADOS

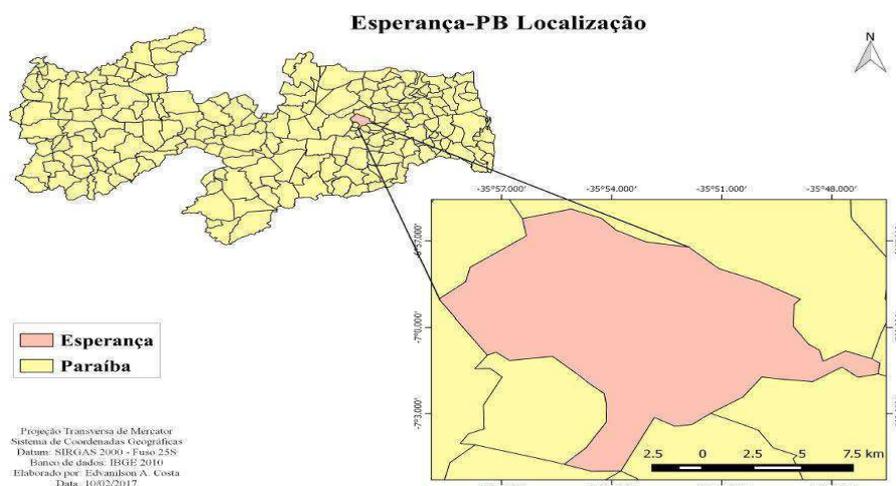
4.1 Esperança: Caracterização

De acordo com dados do IBGE, o município de Esperança pertencia ao de Alagoa Nova, como é possível ver no recenseamento geral de 01/10/1920. O distrito foi desmembrado e elevado à categoria de município pela Lei Estadual nº 624 de 01/12/1925. Pelas informações disponíveis no IBGE, não se sabe precisamente quando aconteceram às

primeiras construções na cidade. Apenas no ano de 1860 tem-se o registro de fundação da primeira igreja do então povoado.

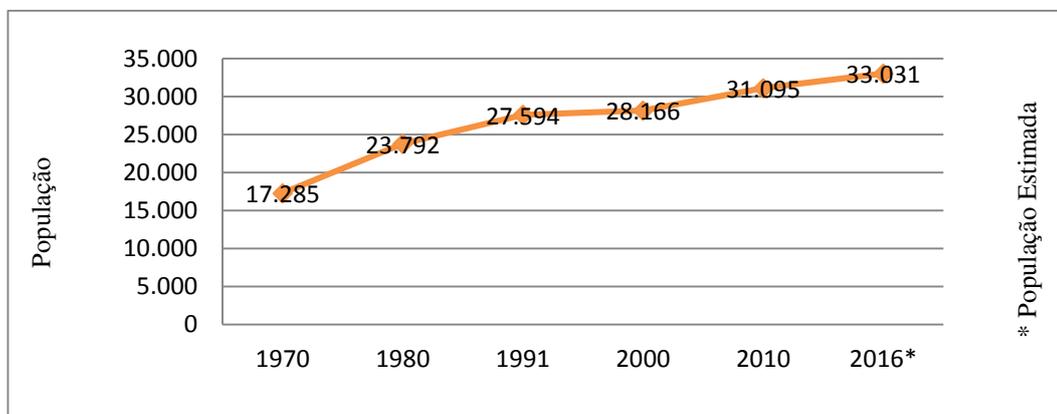
Esperança situa-se no agreste do Estado Brasileiro da Paraíba. Possui uma distância de aproximadamente 159 km da Capital do Estado João Pessoa e 26 km de distância de Campina Grande. Segundo dados atualizados do IBGE, o município possui uma área territorial de 161,138 km².

Figura 01: Localização do município de Esperança na Paraíba



Considerando os aspectos demográficos, é possível identificar que Esperança possui uma taxa de densidade demográfica de 189,86 habitantes por km². Seu crescimento populacional obtêm resultados positivos considerando os últimos censos realizados entre os anos de 1970 e 2010, além da estimativa do IBGE para 2016. Vejamos:

Gráfico 01: Evolução Populacional de Esperança PB 1970 – 2016.



Fonte: IBGE

No período analisado, é possível perceber que a população do município praticamente dobrou, ao passar de 17.285 para mais de 33 mil habitantes.

Notado este fato, destacamos a relação entre o crescimento demográfico e o crescimento urbano. Fica evidente que, conforme o número de habitantes vai aumentando, há uma necessidade natural de novas construções para abrigá-los, demonstrando assim, que o crescimento populacional é um dos principais fatores para o crescimento da mancha urbana da cidade.

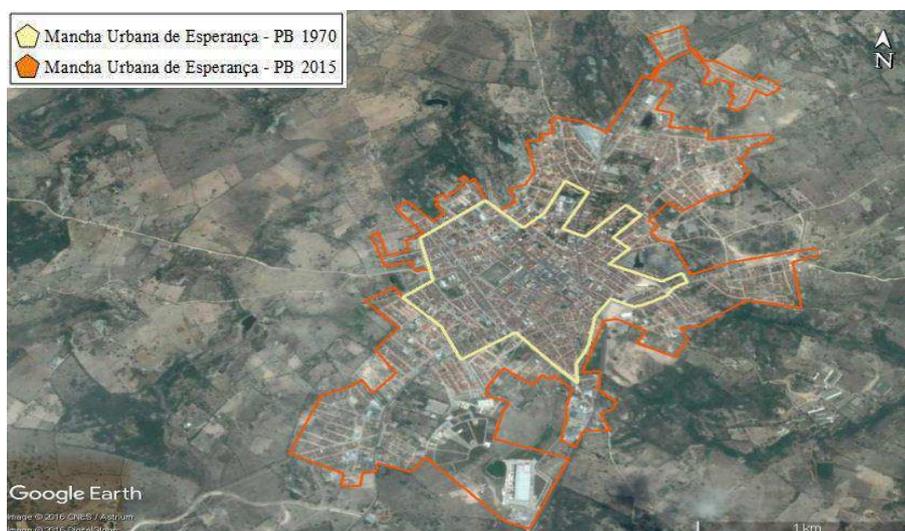
Como analisado anteriormente e partindo da constatação do crescimento populacional, os próximos itens analisarão respectivamente o crescimento urbano horizontal e vertical de Esperança.

4.2 Crescimento Horizontal

A análise do crescimento horizontal em Esperança foi feita basicamente através da espacialização da área urbana da cidade em três momentos distintos: 1970 e 2015.

Na figura 02, podemos perceber o crescimento horizontal que se desenvolveu entre a área destacada pela cor amarela, representando à década de 1970 e a de cor laranja, que representa o ano de 2015, o que nos permite elaborar posições concretas sobre o crescimento da cidade, não somente em níveis de expansão, como fica claro nas duas representações figurativas, mas como também em seu direcionamento, que ocorre praticamente, para áreas de grandes fluxos como é o caso das vias de acesso “entradas e saídas” da cidade.

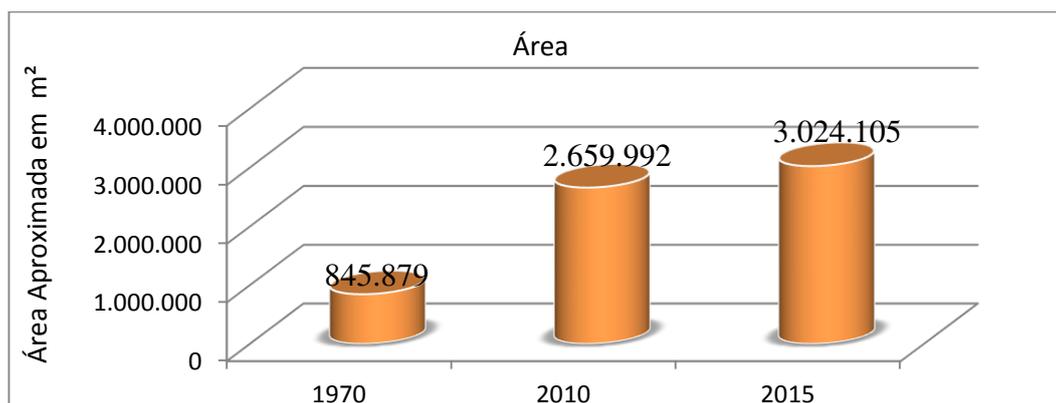
Figura 02: Mancha Urbana de Esperança 1970 – 2015



Fonte: Google Earth Pro. Imagens de 2015

Outra forma de analisar o crescimento horizontal de Esperança dá-se a partir da comparação entre o tamanho da área da mancha urbana em cada um dos anos, analisados em metros quadrados. Percebe-se que nos últimos anos foi expressivo este crescimento, quando a mancha urbana de Esperança cresceu mais de trezentos mil metros quadrados no intervalo de apenas cinco anos.

Gráfico 02: evolução do crescimento da mancha urbana entre 1970 e 2015 em m²



Fonte: Elaboração Própria. fev/2017

Considerando a representação gráfica e seus valores em metros quadrados, a área construída da cidade de Esperança apresenta uma variação proporcional entre 1970 e 2015 de aproximadamente 257,51% de crescimento. Os mapas a seguir demonstram uma melhor representatividade, vejamos:

Figura 03: 1970 / 2010

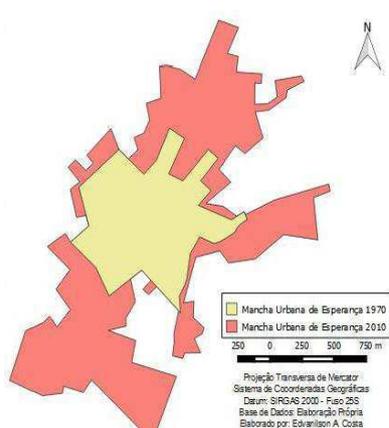


Figura 04: 2010 / 2015

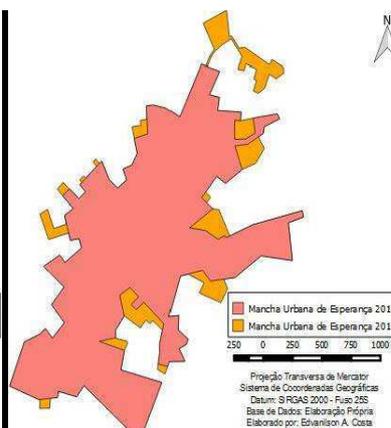
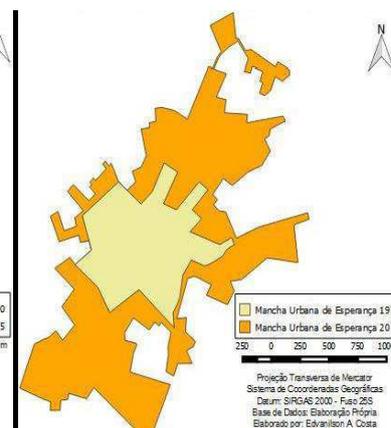


Figura 05: 1970 / 2015

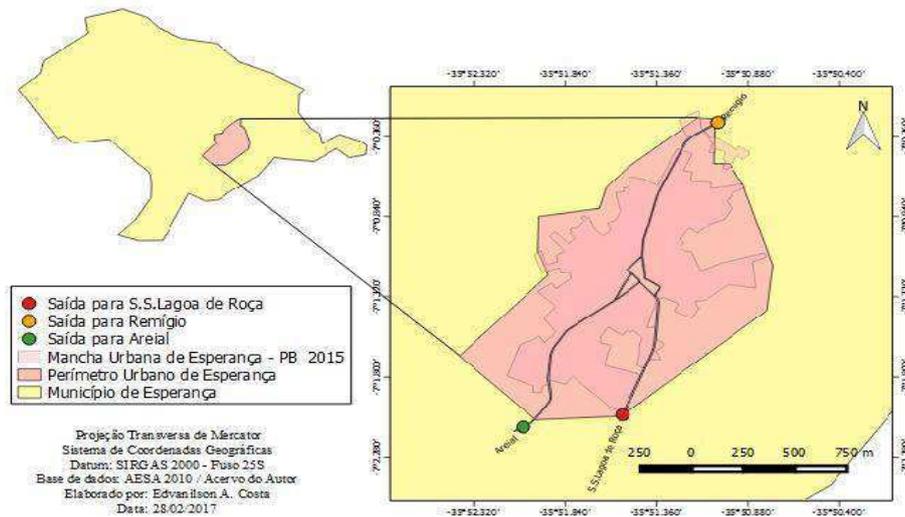


Fonte: Elaboração Própria. Fev/2017

Podemos observar nitidamente que às porções representadas nos mapas acima tiveram modificações notáveis e estas mudanças são direcionadas no sentido do eixo

Sudoeste/Nordeste, em função das vias de acesso, com fluxos de entradas e saídas para as cidades circunvizinhas, como mostra o mapa a Seguir:

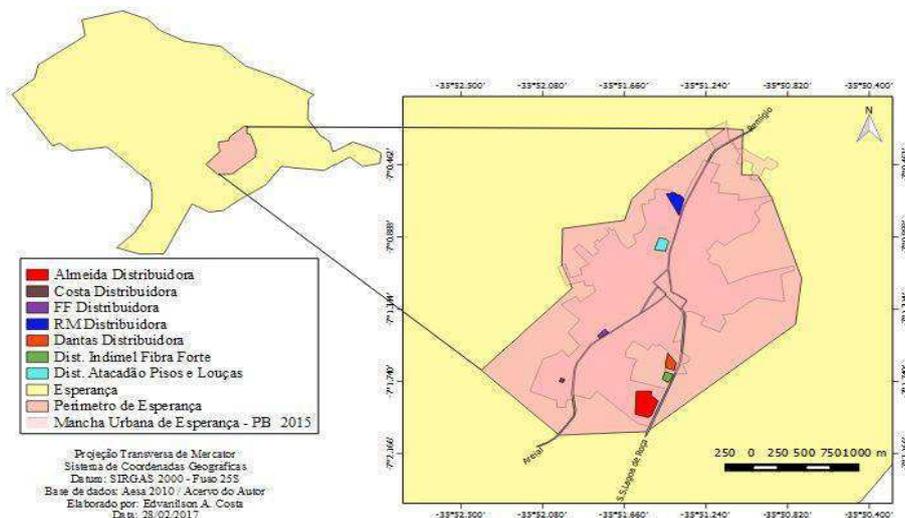
Figura 06: Principais vias de acesso da cidade de Esperança



Fonte: Elaboração Própria. Fev/2017

As duas rodovias que direcionam os fluxos para a área central da cidade são elas: a Rodovia BR 104 que tem a saída Sul com sentido para S. S. de Lagoa de Roça e sentido Nordeste com saída para a cidade de Remígio, enquanto, a Rodovia PB 121, parte do centro da cidade com saída à cidade de Areial no sentido Sudoeste. Nestas vias de acesso, a mancha urbana vai ganhando consistência e este fenômeno é causado por diversos fatores que contribuem com o crescimento da cidade. Como representa o mapa a seguir,

Figura 07: Principais ocupações nas vias de acesso da cidade



Fonte: Elaboração Própria. Fev/2017

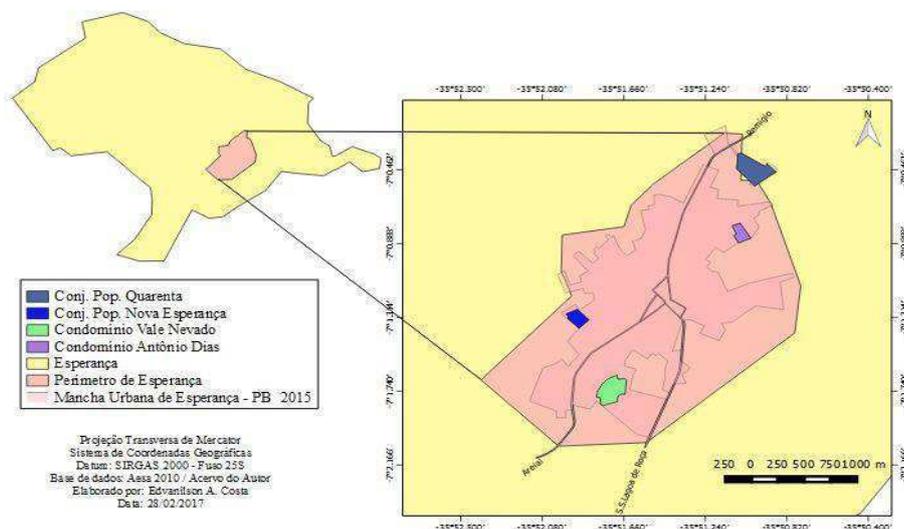
Entre estes fatores estão a instalação de empresas, proveniente da necessidade de expandir suas estruturas, se distanciando cada vez mais do centro em direção as áreas periféricas. Na figura 07 são representadas as empresas de comércio de atacado e distribuição que atualmente ocupam terrenos às margens das principais vias e que, em um passado não muito distante, se localizavam no centro da cidade.

Entre as empresas, várias são distribuidoras do ramo de materiais de construção e alimentícios e pequenas unidades fabris, que ocupam as laterais das rodovias, bem como as adjacências, sendo elas de pequenos, médios, e grandes portes.

Estas empresas contribuem para o crescimento urbano porque precisam de espaços amplos para acomodar e estruturar todas as operações de logística e um amplo quadro de funcionários. As áreas onde estas empresas se instalam vão se valorizando devido a facilidade de deslocamento, ou pelas oportunidades que surgem em seus arredores. Este tipo de comércio geram oportunidades de emprego, tanto para os moradores locais quanto para os que moram nas vizinhanças, pela necessidade de ocupação das vagas ofertadas em uma série de funções e mão de obras especializadas.

Outro fator importante para o crescimento urbano horizontal de Esperança é a construção de conjuntos populares construídos com recursos públicos e distribuídos para abrigar pessoas carentes com classe social de baixa renda e os condomínios privados que são direcionados às pessoas que possuem renda de classe média e alta e buscam por *status* ou que querem, por algum motivo, se isolar do barulho e da vida corriqueira da área central da cidade (figura 08).

Figura 08: Principais conjuntos e condomínios de Esperança



Fonte: Elaboração Própria. Fev/2017

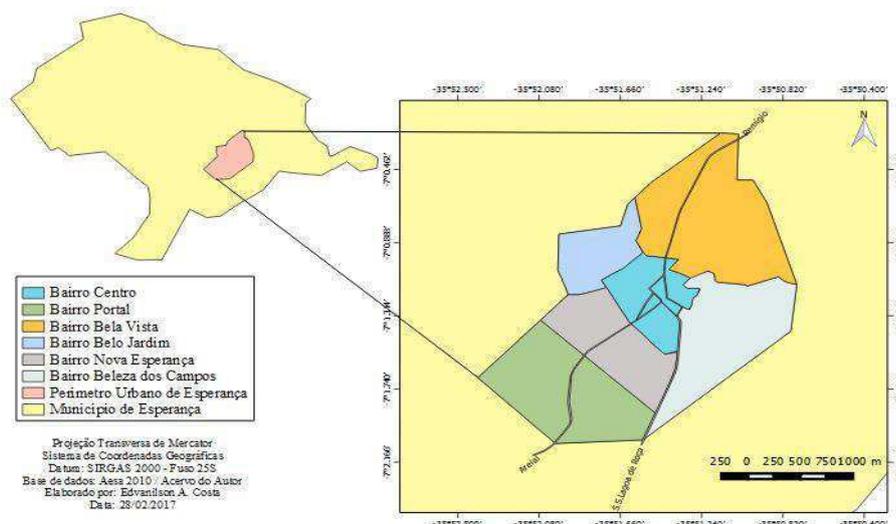
Geralmente estas infraestruturas são perpetradas afastadas do perímetro edificado da cidade e acabam por valorizar o espaço existente entre ambos, causando a lei da oferta e da procura, sendo que, o vazio existente já está sendo minimizado com novas edificações e fluxos diários intensos, que coopera para uma centralização e valorização de seus arredores.

Conforme houve o crescimento da área urbana de Esperança, houve também a necessidade de que a legislação fosse atualizada em relação à dinâmica espacial de crescimento já verificada na época. No ano de 2006, a câmara de vereadores do município, por decreto de lei municipal, em seu plano diretor, lançou e aprovou uma divisão intraurbana, considerando novas áreas dentro do perímetro urbano e divisões de bairros da cidade, como mostra o excerto;

Parágrafo único: fica delimitado o Centro da cidade, bem como criados, a partir da data da publicação desta Lei, os seguintes bairros: Beleza dos Campos, Belo Jardim, Lírio Verde, Nova esperança, e Portal em conformidade com as demarcações no Mapa 10: (Redação dada pela Emenda Aditiva de nº 01/2006 de 28.30.006).

Estas divisões vieram a facilitar o uso do espaço interno da cidade bem como ajudaram a extrair um melhor aproveitamento nos padrões comerciais por definições de valores no sentido centro / periferias.

Figura 09: Delimitações da área urbana de Esperança



Fonte: Elaboração Própria. Fev/2017

Os limites aprovados outrora vigoram até os dias atuais, mas, surgirão novas chances de expansão destes limites, considerando que os preenchimentos das partes internas da cidade, que antes eram ocupados por áreas de valorizações imobiliárias e

especulações, já estão sendo consumido, por novas construções que já superam estas delimitações. Para termos uma ideia vejamos uma visão panorâmica da cidade de 1970 a 2015:

Figuras 10 e 11: Vista Panorâmica de Esperança 1970 / 2015



Fonte: Blogspotesperançaouro.com.br



Fonte: Google Earth

Na tentativa de fidelizar ao máximo as duas imagens foi utilizado um recorte apenas de uma parte da área urbana de Esperança, no qual a figura que representa os anos de 1970 apresenta áreas vazias dentro do espaço urbano, áreas ocupadas por vegetação e poucas construções, já a imagem que representa 2015 mostra que praticamente não há espaços com características rurais, tendo um preenchimento quase que contínuo de suas áreas internas.

4.3 Crescimento vertical e mudança de uso do Bairro Centro

Atualmente, o centro da cidade é onde acontece a maior parte das transações comerciais, tendo em vista que os ambientes são pensados para a prática de setores com características propícias ao comércio. Estes estabelecimentos chamam atenção por serem de diversos tamanhos, dependendo da finalidade a qual são destinados. Como exemplos podemos citar: supermercados, restaurantes, lanchonetes, bares, padarias, bancos, óticas, lojas de confecções, lojas automotivas, lojas de eletrodomésticos, papelarias, farmácias e uma série de outras funcionalidades que tenham o perfil do comércio central e o uso deste espaço.

Na década de 1970, as avenidas de Esperança eram praticamente ocupadas por casas baixas, muitas apenas com o pavimento térreo. Para termos uma ideia das mudanças que sofreu a parte central da cidade, podemos observar o *book* de imagens selecionadas que mostram algumas das transformações ocorridas ao longo dos anos. Enquanto em algumas áreas da cidade mantem-se a originalidade das construções conforme eram quando

fundadas, utilizando-se apenas o reparo e manutenção das mesmas ou o mínimo de mudanças em suas características.

Figuras 12 a 17: Principais avenidas de Esperança na década 1970 e em 2017

Avenida Manoel Rodrigues de Oliveira

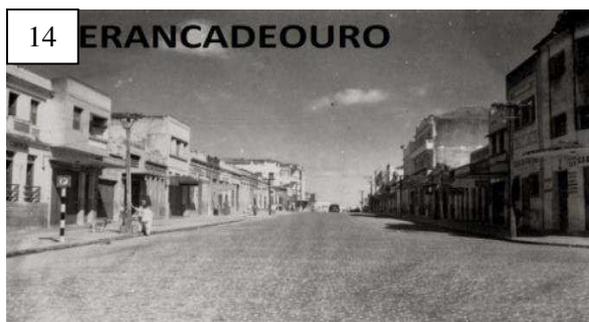


Fonte: blogspotesperançadeouro



Fonte: COSTA, Edvanilson Alves da. Fev/2017

Avenida Manoel Rodrigues de Oliveira



Fonte: blogspotesperançadeouro



Fonte: COSTA, Edvanilson Alves da. Fev/2017

Avenida Solon de Lucena



Fonte: blogspotesperançadeouro



Fonte: COSTA, Edvanilson Alves da. Fev/2017

Outras edificações foram modificadas com padrões e estilos atuais, como pequenos edifícios, o que promove um crescimento vertical na paisagem central da cidade. Geralmente estes ambientes são pensados e construídos para abrigar lojas, escritórios e apartamentos, como mostra a imagem a seguir:

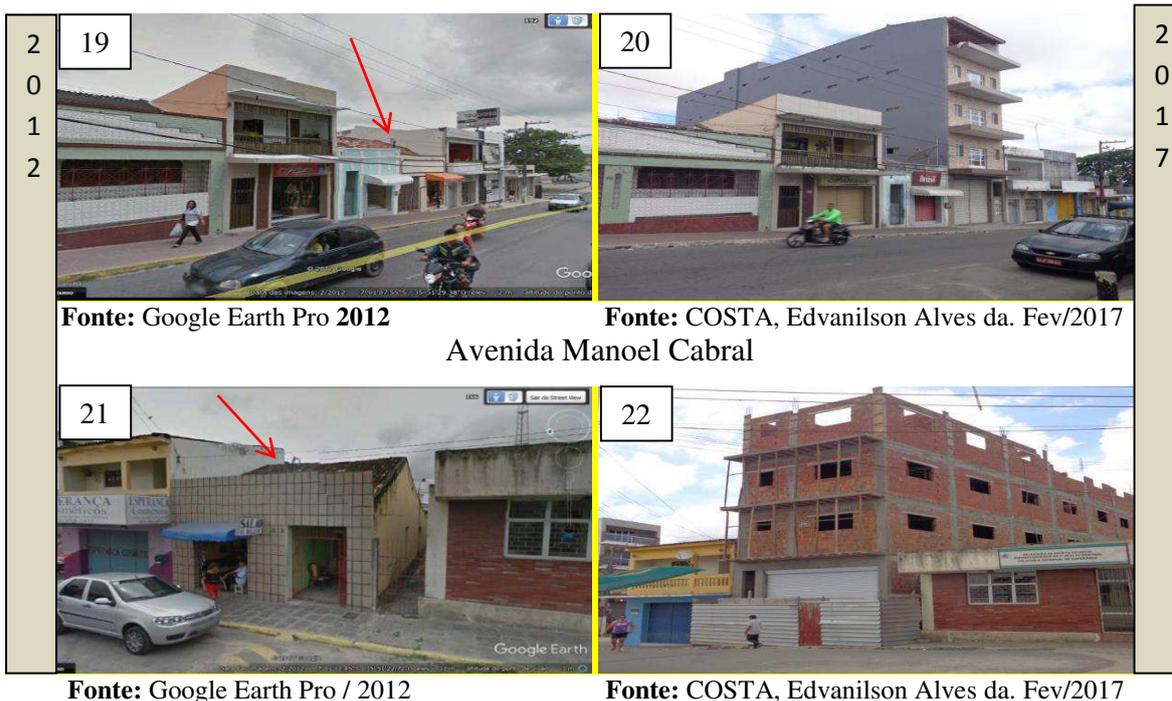
Figura 18: Edifícios no Centro da Cidade de Esperança
Avenida Manoel Rodrigues de Oliveira.



Fonte: COSTA, Edvanilson Alves da. Fev/2017.

O centro convive com o antigo e o novo, promovendo um novo tipo de uso e dando espaço a uma nova versatilidade em amplas escalas do comércio local, produzindo uma zona de segregação econômica que beneficia o crescimento vertical da área.

Figuras 19 a 28: Algumas modificações verticais em ruas centrais de Esperança
Rua: Joviniano Sobreira



Fonte: Google Earth Pro 2012

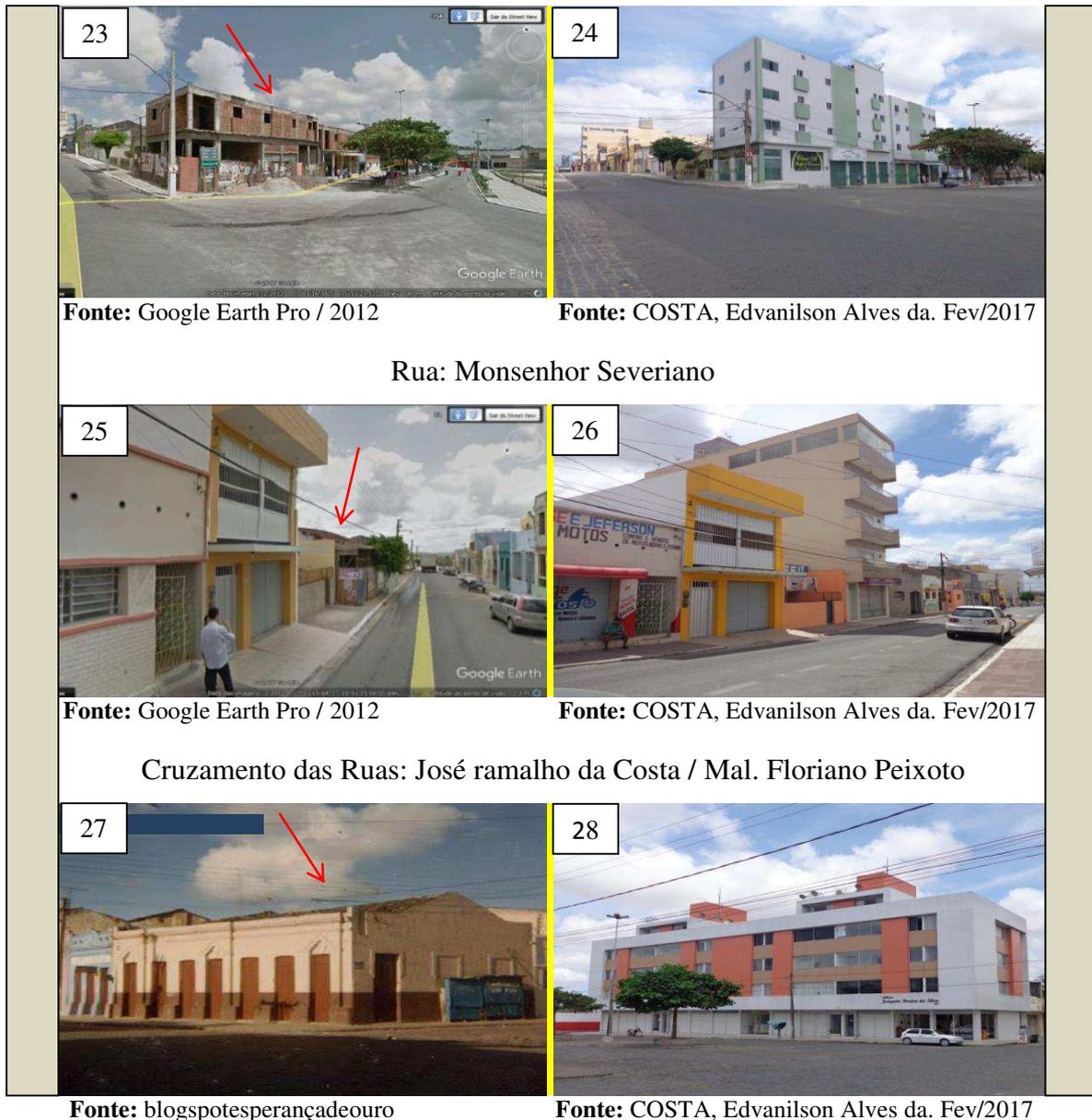
Fonte: COSTA, Edvanilson Alves da. Fev/2017

Avenida Manoel Cabral

Fonte: Google Earth Pro / 2012

Fonte: COSTA, Edvanilson Alves da. Fev/2017

Cruzamento das Ruas: Monsenhor Severiano / Patrício Firmino Bastos



No entanto, este tipo de paisagem verticalizada não afeta apenas a área central, mas, também os limites da cidade, modificado pela ação do êxodo de pessoas que querem viver com *status* ou querem distanciar-se da zona de desconforto ou do trabalho na parte central da cidade e procuram locais mais isolados para construir suas moradias. Em muitos casos, tais construções acontecem em meio a áreas de zonas periféricas ou consideradas inferiores, criando um ambiente totalmente novo e diferente, com aspectos e níveis de contrastes visíveis entre as classes sociais e a paisagem, mas que, contribuem para o crescimento vertical e horizontal da expansão urbana. Vejamos:

Figura 29: Exemplos de construções verticais na periferia da cidade



Fonte: Imagem 29 - Google 2015; Imagens 30 e 31 - COSTA, Edvanilson Alves. Fev/2017.

Neste exemplo, temos o bairro Nova Esperança com destaque para os dois edifícios construídos a partir da demanda pela procura por apartamentos e uma eventual conclusão do projeto do Instituto Federal de Educação da Paraíba (IFPB)¹ em suas imediações. Estes edifícios localizam-se nos limites da cidade, em meio a um cinturão de classe social média / alta (destacada pela linha de cor vermelha), que por sua vez está inserida em meio a uma periferia de classe social de baixa renda (destacada pela linha de cor amarela). Esta situação demonstra claramente que, independentemente da situação social, o crescimento urbano acontece de uma forma ou de outra, seja ele vertical ou horizontal, seja externo ou intraurbano.

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise da problemática do crescimento urbano verificamos, sobretudo, que todos os grandes, médios e pequenos centros urbanos passam por transformações e modificações que vão do básico ao moderno e que surge a partir das necessidades geradas pela busca de novos ambientes de moradias e ambientes de trabalhos entre outras coisas básicas da vida cotidiana.¹

¹ IFPB entidade de ensino que oferece cursos de educação superior e educação profissional técnica de nível médio. Implantado no município de Esperança em 2012, funcionando desde 2015 com sede provisória na E. M. E. F. Josefa Araújo Pinheiro. A sede oficial do Campus Esperança, atualmente, encontra-se com a estrutura inacabada devido as obras estarem paralisadas.

Conclui-se que houve realmente um ganho de crescimento na mancha urbana da cidade de Esperança. Este crescimento foi resultante de vários fatores que, somados, teceram uma transformação positiva no que diz respeito ao fato de não estagnar e sim de evoluir no crescimento, cujos resultados foram obtidos a partir das mudanças ocorridas nas últimas décadas, devido às construções de casas, condomínios e empresas, que contribuíram juntas, para um alargamento e expansão das vias e para o crescimento da mancha urbana edificada horizontalmente.

Quanto ao direcionamento deste crescimento, nota-se que ele aconteceu em torno das vias de acesso da cidade, havendo um maior crescimento no sentido das zonas sudoeste, entre as saídas para as cidades de Areial e S.S.de Lagoa de Roça e no sentido nordeste com saída para a cidade de Remígio.

A tendência é que este crescimento horizontal ganhe fôlego, pois, o mercado de condomínios na cidade está ganhando proporções satisfatórias.

A parte central da cidade, ainda guarda marcas do passado apresentando em suas arquiteturas construções da década anteriores a 1790, mas também vai se rotulando para o futuro com ambientes modernos e diferenciados, geralmente com tendências para o uso vertical como modificador da paisagem urbana, em um processo ainda novo, sem edificações de alturas elevadas, mas, que sofre o processo de mudança de uso das estruturas residenciais, principalmente, para o uso intensivo do comércio e lojas de departamentos, tornado a área central localidade segregação econômica.

O crescimento populacional deve-se, em parte, ao fluxo de pessoas que veem das cidades circunvizinhas para realizar compras e serviços, pois, a cidade possui um comércio característico, atrativo e dinâmico, além de acomodar uma boa parte da população com, empregos fixos nas empresas sediadas na cidade.

Diante dos resultados obtidos, podemos afirmar que a cidade de Esperança cresceu significativamente desde a década de 1970 até os dias atuais. Essa verificação foi feita ao longo de 45 anos, tempo considerado importante para uma leitura na análise do crescimento urbano de Esperança.

Esse crescimento identificado ocorreu mesmo com a baixa disponibilidade de água “nos últimos anos”, elemento importante para a construção civil e para a atração de pessoas, nota-se que, a cidade não parou de crescer.

De modo geral, o espaço urbano de Esperança tende ainda a crescer, tanto horizontalmente, como verticalmente, e necessita de políticas públicas que tracem planos de

desenvolvimento adequado. É necessária também a busca por melhorias da vida dos cidadãos e por geração de empregos, quesito importante para o fluxo habitacional de uma cidade, entre outros aspectos que possa atuar como um agente modificador do espaço urbano.

Enfim, as cidades se distinguem umas das outras, pelas suas capacidades de adequação ao moderno e ao diferente, compondo identidades únicas e funções distintas com características próprias.

6. REFERÊNCIAS

ATLAS do Desenvolvimento Humano no Brasil. **Demografia:** Esperança – PB. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/esperanca_pb#demografia>. Acesso em: 02 de Jan.2017.

BEAUJEU-GARNIER, Jaqueline. **Geografia Urbana**. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Biblioteca:** Censo demográfico 1980. Periódicos. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/310/cd_1980_v1_.pd> Acesso em: 27 de Dez.2016.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Biblioteca:** Censo demográfico 1970. Periódicos. Disponível em:<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd_1970_v1_t9_pb.pdf>. Acesso em: 27 de Dez. 2016.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Biblioteca:** Censo demográfico 1991. Periódicos. Disponível em:<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/82/cd_1991_n13_caracteristicas_populacao_domicilios_pb.pdf>. Acesso em: 27 de Dez. 2016.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Cidades**. Esperança-PB. Disponível em:<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250600&search=paraibalesperanca>>. Acesso em: 16 de Nov. 2016.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**/Ana Fani Alessandri Carlos. São Paulo: Labur Edições, 2007, 123p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**/Lana de Souza Cavalcanti. – Campina, SP: papiros, 2008. – (Coleção magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

CLARK, David. **Introdução a Geografia Urbana**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1991.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

ESPERANÇA DE OURO. **Aniversario de Esperança**: Fotos antigas. Disponível em: <<http://esperancadeouro.blogspot.com.br/2011/11/parabens-esperanca-pelo-seu-aniversario.html>>. Acesso em: 02 de Jan. 2017.

IFPB, Instituto Federal da Paraíba. In. Informativo do Instituto Federal da Paraíba. Ano I – Nº 3 - Março/2015. Disponível em: <<http://www.ifpb.edu.br/publicacoes/jornais/ifpb-jornal-no-03>>. Acesso em: 04 de fev. 2017.

JAPIASSÚ, Luana Andressa Teixeira. ; LINS, Regina Dulce Barbosa. **As diferentes Formas de Expansão urbana**. In: Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades, v.02. n. 13, 2014, pp. 15-25 São Paulo – SP. Disponível em:>https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Th4KP_keyFIJ:https://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/gerenciamento_de_cidades/article/download/764/788+&cd=11&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 20 de Jan. 2017.

PBAGORA. **IBGE desconhece existência de zona rural em João Pessoa desde 91**. Disponível em: <<http://www.pbagora.com.br/conteudo.php?id=20091129092958>>. Acesso em: 08 de Fev. 2017.

SILVA, Moacir M. F. **Tentativa de classificação das cidades brasileiras**. In: revista Brasileira de Geografia. V8, n3. IBGE, Rio De Janeiro, 1946. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1946_v8_n3.pdf>. Acesso em: 30 de Nov.2016.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Abc do Desenvolvimento Urbano**. 6ª ed. – Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2011.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. 14ª. ed. São Paulo – SP, Contexto, 2004. – (repensando a Geografia).

VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginarias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas – SP; Editora Autores Associados, 2002.